

RECORDANDO QUE “... NÃO SE DEVE TOMAR OS OUTROS POR IDIOTAS” COM A APREENSÃO DO COTIDIANO DE UMA COOPERATIVA DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS POR MEIO DA OBSERVAÇÃO.

CARINE MARIA SENGER
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ (UNESPAR)
carine.senger@gmail.com

RECORDANDO QUE “... NÃO SE DEVE TOMAR OS OUTROS POR IDIOTAS” COM A APREENSÃO DO COTIDIANO DE UMA COOPERATIVA DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS POR MEIO DA OBSERVAÇÃO

Introdução

O desenvolvimento de atividades voltadas à pesquisa requer a definição dos aspectos metodológicos. Estes dizem respeito ao tipo de pesquisa, à abordagem adotada, bem como aos procedimentos utilizados. Embora sendo comum na antropologia e na sociologia, a pesquisa com abordagem qualitativa vem se instalando, ganhando espaço e reconhecimento nos estudos organizacionais nos últimos anos, principalmente, a partir da importância atribuída pelos pesquisadores ao sentido que as coisas têm para o sujeito por meio de um processo interpretativo do seu cotidiano. Neste tipo de abordagem, a melhor maneira de captar a realidade é aquela que possibilita se colocar no lugar do outro, percebendo o mundo sob o seu olhar (GODOY, 1995a).

É possível definir a pesquisa qualitativa como aquela que se fundamenta em análises qualitativas, cuja característica principal está em não utilizar instrumentos estatísticos para a análise dos dados, o que não significa que suas análises venham a ser especulações subjetivas. Ao contrário, sua análise baseia-se em conhecimentos teórico-empíricos que possibilitam lhe infligir cientificidade (VIEIRA, 2007). Outra característica deste tipo de pesquisa, ressaltada por Vieira (2007, p. 18) diz respeito ao fato da pesquisa qualitativa oferecer “[...] descrições ricas e bem fundamentadas, além de explicações sobre processos em contextos locais identificáveis.” Embora sendo de natureza subjetiva, esse autor enfatiza que esse tipo de abordagem auxilia o pesquisador no tocante às concepções iniciais ou à revisão de sua estrutura teórica, oferecendo um grau maior de flexibilidade.

Ao trabalhar com pesquisa qualitativa os pesquisadores precisam priorizar o ambiente daquele que está sendo pesquisado como fonte de dados e a sua presença como instrumento principal na coleta destes. Godoy (1995a), citando Bogdan e Biklen (1982) ratifica ao destacar as características básicas que um pesquisador deve ter ao relacionar aspectos que considera essenciais neste tipo de estudo: i) ter o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; ii) fazer da descrição um lugar de destaque na escrita; iii) ter interesse maior pelo processo e não pelos resultados ou produto; iv) preocupar-se com o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida; e v) utilizar o enfoque indutivo na análise de seus dados.

Minayo (1993, p. 63) reforça ao argumentar que “[...] a interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados é essencial [...]”, já que a pesquisa qualitativa valoriza o contato direto e por um tempo prolongado do pesquisador num trabalho intenso de campo para, assim, compreender o contexto em que dada situação ocorre e do qual faz parte (GODOY, 1995a). Para que isso aconteça, existem várias formas e técnicas que podem ser utilizadas durante este trabalho de campo, entre as quais pode se destacar a análise histórica, a etnografia, a observação de campo e a entrevista, formal e informal (MINAYO, 1993; VIEIRA, 2007).

Em seus estudos Godoy (1995a, p. 62) enfatiza que muitos pesquisadores realizam seu trabalho de campo por meio de “[...] observação e entrevista, empregando muito do seu tempo no local da pesquisa, em contato direto com os sujeitos.” Além disso, “[...] registram suas notas, analisam seus dados e escrevem os resultados obtidos, incluindo descrições de trechos de conversas e diálogos.” Minayo (1993, p. 63) complementa dizendo que o pesquisador deve realizar a observação sobre tudo aquilo que não lhe é dito, mas que, como observador atento e persistente, pode ver e captar. Quanto à entrevista, esta autora destaca que esta técnica “[...] tem como matéria- prima a fala de alguns interlocutores.”

Certeau (2012, p. 20) fez uso da “[...] prática observadora e engajada [...]” para conduzir suas pesquisas indo em busca da compreensão do cotidiano por meio delas. Além

disso, considerou “[...] longos diálogos construídos segundo um esquema flexível [...]” (CERTEAU, 2012, p. 25). Assim, percebe-se que pesquisadores podem fazer uso dessas técnicas para entender as diferentes práticas que fazem parte do seu dia a dia, bem como dos sujeitos que atuam nas organizações. Porém, no decorrer do seu exercício, é preciso ponderar suas possibilidades e limitações.

Entre esses sujeitos, surgiu o interesse particular por aqueles que atuam como catadores de materiais recicláveis em uma cooperativa em um município do estado do Paraná, cuja atividade consiste, particularmente, em fazer a triagem do material recebido. Segundo Bortoli (2009, p. 106) essa atividade está presente na “[...] vida de moradores de rua, de desempregados, daqueles que nunca trabalharam ou que se tornaram não empregáveis e são obrigados a se deslocarem para a informalidade ou para o trabalho por conta própria.” Muitos deles buscam as cooperativas, como uma forma organizada do trabalho, para desenvolver a atividade. Para melhor entender o desenrolar do cotidiano dessa atividade é necessário empregar alguns procedimentos metodológicos, entre os quais a observação.

Nesse sentido, o estudo que ora se apresenta tem como objetivo compreender a observação como procedimento metodológico, considerando suas possibilidades e limitações na apreensão do cotidiano de uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis, tendo como referência a abordagem teórica de Michel de Certeau. Para isso, este artigo encontra-se organizado em sete seções, sendo a primeira esta introdução. Em seguida apresenta-se o cotidiano a partir dos apontamentos de Michel de Certeau e a observação como procedimento metodológico. Na quarta seção são abordadas as principais características da prática em torno de materiais recicláveis em geral, sendo, na sequência, exposto o percurso metodológico da pesquisa. A experiência de observar o cotidiano de uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis em um município do estado do Paraná é descrita na sexta seção. Por fim, faz-se algumas reflexões e discussões decorrentes deste estudo nas considerações finais.

2 O cotidiano em Michel de Certeau

Diversos estudos voltados para o cotidiano têm sido realizados no campo organizacional, tendo como referência os pressupostos teóricos de Michel de Certeau. Entre eles destaca-se alguns que contribuíram para o entendimento relativo a estas práticas: Carrieri *et al.* (2010) que discutiram a estratégia na perspectiva microsocial dos atores, situando-a no âmbito da sobrevivência dos agentes sob a ótica dos estudos organizacionais; Gouvêa e Ichikawa (2015), que buscaram compreender de que maneira os indivíduos se posicionam em seu cotidiano para romper com os processos de alienação; Murta, Souza e Carrieri (2010) que procuraram compreender os usos de estratégias e táticas e as relações entre os espaços simbólicos da gastronomia e da culinária comum, no contexto da conversão da comida em produto turístico; Oliveira e Cavedon (2013) que analisaram como as práticas cotidianas podem ser compreendidas com base na dimensão micropolítica dos processos organizacionais; e Sato e Oliveira (2008) que voltaram-se para a compreensão da gestão a partir do que ocorre no cotidiano do trabalho. A essência destas pesquisas encontra-se no entendimento da construção das *estratégias* e das *táticas* no decorrer das práticas cotidianas.

Em sua obra *A Invenção do Cotidiano*, resultado da reflexão das práticas cotidianas, Certeau (2012) procurou trazer modelos de ações característicos dos usuários supostamente entregues à passividade e à disciplina, chamados por ele de *consumidores*. Em sua análise mostrou que a relação é que determina seus termos, e não o inverso; e, ao mesmo tempo, se referiu aos modos de operação ou esquemas de ação e não ao sujeito em si. Seus apontamentos revelaram que muitos trabalhos estão voltados para o estudo das representações e/ou os comportamentos de uma sociedade, ou seja, ao uso que os grupos ou os sujeitos fazem dos objetos sociais, considerando as representações e os comportamentos que a sociedade tem. Entretanto, a presença e a circulação de uma representação não indicam o que ela é para

seus usuários. Por isso, a necessidade de analisar o que os sujeitos *fazem com*, ou seja, apreendê-lo a partir de suas práticas sociais (CERTEAU, 2012).

De acordo com Certeau (2012, p. 39) essa análise possibilita “[...] apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização.” Assim, os modos de proceder da criatividade cotidiana encontram-se nas *maneiras de fazer*, onde os consumidores, por meio das diferentes práticas, se reapropriam do espaço, este organizado pelas técnicas da produção sociocultural. Neste aspecto percebe-se que no entendimento deste autor, o cotidiano se constrói por meio de bricolagens que os sujeitos realizam no espaço que compartilham. Isso reforça a ênfase dada por ele em descobrir os procedimentos, as bases, os efeitos e as possibilidades das inúmeras transformações decorrentes disso.

Entretanto, Certeau (2012, p. 43) supõe que a formalidade das práticas, relativas às operações multiformes e fragmentárias, como os modos de usar, obedecem regras. Desta forma, a cultura popular “[...] se formula em “artes de fazer” isto ou aquilo, isto é, em consumos combinatórios e utilitários.” Para ele, é nas práticas que o sujeito pode seduzir, persuadir, refutar, cujo potencial enunciativo e criativo, remete ao que este autor chama de antidisiplina, indo ao encontro à ideia de vigilância, de limites, de combinações restritas e previsíveis, apresentada por Foucault em *Vigiar e Punir*.

Dessa forma, Certeau (2012) voltou-se para as questões que envolvem a marginalidade de uma maioria, segundo ele, de uma massa que se universalizou, que se tornou uma maioria silenciosa, que não é homogênea, mas que atua de maneira simbólica. Assim, referiu-se ao *homem ordinário*, o homem comum. Para melhor explicar o cotidiano desse sujeito e as relações de poder que se estabelecem em um determinado espaço, recorreu a diferenciação entre *táticas* e *estratégias*.

Certeau (2012, p. 44-45) chamou de *táticas* as “[...] engenhosidades do fraco para tirar partido do forte [...]”. Como tal, as *táticas* não têm um lugar que lhe é próprio, pois “[...] só tem por lugar o do outro [...]”, dependem da habilidade de utilizar o tempo, no sentido de aproveitarem as oportunidades que podem surgir para captar possibilidades de ganhar. Caracterizam-se pela ausência de poder, como sendo a astúcia, a arte do fraco.

Por outro lado, designou *estratégias* “[...] o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente.” (CERTEAU, 2012, p. 45). Dessa forma, reforça a ideia de que as *estratégias* são decorrentes de resistências estabelecidas por um lugar de poder, em que são usadas todas as possibilidades oferecidas como uma habilidade de manobra.

Reforçando estes conceitos, em seu estudo Carrieri *et al.* (2010, p. 04) ressaltam que ao dar forma cognitiva aos objetos, o sujeito tem refletido o seu “conhecimento tácito”, o qual não lhe foi inculcido, “[...] mas cultivado a partir de sua experiência de vida, da cultura que o circunda, da realidade que o transforma, e das insurreições sentimentais que o afligem.” Murta, Souza e Carrieri (2010), admitem as *táticas* como práticas contextuais e oportunistas, resultados da inteligência cotidiana, da astúcia popular; e *estratégias* como resultado de relações de poder e regras de conduta. Por sua vez, Gouvêa e Ichikawa (2015, p. 77) destacam a existência de “[...] uma diferença clara entre *estratégias* e *táticas*.”, ao mesmo tempo em que afirmam que ambas tornam-se insustentáveis ao serem identificadas isoladamente.

Para melhor compreender o cotidiano do *homem ordinário*, identificar *táticas* e *estratégias* empregadas no espaço pertencente, Certeau (2012) fez uso da observação. Embora se tenha conhecimento da forma como esta deve acontecer, percebe-se a necessidade de uma observação mais criteriosa, acompanhada de outros instrumentos, para potencializar a identificação de *táticas* e *estratégias*. A seguir, apresenta-se a observação como procedimento metodológico.

3 A observação como procedimento metodológico

Entre os procedimentos metodológicos que podem ser utilizados em pesquisas, particularmente na coleta dos dados, destaca-se a análise histórica, a etnografia, a observação de campo e a entrevista, formal e informal, como alguns que podem ser aplicados em pesquisas de cunho qualitativo. Nesse estudo, enfatiza-se a observação como um procedimento metodológico empregado pelos pesquisadores, entre eles Certeau (2012), para apreender a prática cotidiana.

De acordo com Tureta e Alcadipani (2011, p. 211) a observação tem se apresentado como um recurso recorrente nos estudos organizacionais, sendo empregada para compreender diferentes situações, mesmo que estes estudos não se aproximem da etnografia. Como tal, essa técnica “[...] consiste em ingressar em determinado grupo social ou organização e observar, participando ou não, as atividades desempenhadas pelos sujeitos da pesquisa.”

A observação se torna uma técnica científica na medida em que: i) tem um objetivo de pesquisa; ii) é planejada sistematicamente; iii) relaciona-se com proposições mais genéricas; e iv) está sujeita a verificações de validade e confiabilidade (SELLTIZ *et al.*, 1965, *apud* ANGUERA, 1997). Isso reforça a ideia de que pesquisadores, ao observar, devem formular hipóteses, estas a partir da exploração empírica das situações do sujeito que podem esclarecer estas hipóteses, considerando os fenômenos tal como se apresentam, sem modificá-los ou agir sobre eles. Como tal, a observação configura-se como um processo e que, assim como as pesquisas científicas em geral, segue algumas fases distintas: i) formulação do problema; ii) coleta de dados; iii) análise e interpretação dos dados coletados; e iv) comunicação dos resultados (ANGUERA, 1997).

O emprego da observação pode dar-se de forma participante ou não-participante, o que diferencia uma da outra é a atuação do pesquisador. Mesquita e Matos (2014) revelam que na observação participante os dados são coletados por meio de um trabalho de imersão no campo de investigação e que a análise ocorre no decorrer de toda a pesquisa. Godoy (1995b) complementa dizendo que ao realizar a observação participante, o pesquisador deixa de ser espectador do fato que está sendo estudado para se colocar na posição dos sujeitos que estão envolvidos. Além disso, este autor recomenda este tipo de observação, especialmente, para estudos de grupos e comunidades.

Tureta e Alcadipani (2011, p. 213) salientam que na observação participante “[...] o pesquisador ingressa no grupo estudado como se fosse membro, e procura realizar as atividades que são desempenhadas pelo grupo, compartilhando ao máximo a vida social daqueles que estão sendo observados.” Manifestam, também, que “[...] a observação participante pode ou não ser informada aos pesquisados. O pesquisador pode ingressar no grupo social ou organização, assumir posição ou cargo, mas não revelar seus propósitos.” Isso requer revelar a identidade do pesquisador ou mantê-la em anonimato.

Já a observação não-participante ocorre quando o pesquisador atua de maneira atenta, procurando ver e registrar o máximo daquilo que ocorre e que esteja relacionado com o seu estudo, considerando seus objetivos, bem como um roteiro de observação (GODOY, 1995b, p. 27). Stacey (1977) revela que na observação não-participante, o pesquisador vai ao local onde os pesquisados se encontram para observá-los, porém, não se torna um deles. Além disso, não ingressa na vida social deles no sentido de realizar as mesmas tarefas, já que sua postura é voltada apenas para a observação. Contudo, destaca que o comportamento dos sujeitos observados pode variar considerando a simples presença do pesquisador, sendo isso, suficiente para provocar alguma alteração.

Rosen (1991), aponta quatro fatores importantes que precisam ser avaliados no processo de escolha entre observação participante ou não-participante: i) o conhecimento técnico, que envolve não apenas a capacidade do pesquisador em desempenhar certo trabalho na organização, mas também o seu envolvimento emocional e social, necessário para executar

as tarefas; ii) o sigilo organizacional relacionado às políticas, diretrizes e decisões da organização, nem sempre acessível a todos; iii) a confiança estabelecida entre o pesquisador e seus sujeitos da pesquisa, já que, ao ingressar no grupo, passa a ocupar uma posição formal, tornando-se alguém que pode não ser totalmente confiável, ao contrário do observador não-participante, que estaria ali só de passagem; e iv) a definição do papel do pesquisador na organização, pois ao participar da atividade o pesquisador precisa trabalhar e, ao mesmo tempo, coletar dados, tendo que, respectivamente, executar as atividades formalmente definidas para a função que ocupa, e coletar dados e informações por meio de perguntas e elaborar anotações sobre o que está sendo observado, podendo causar um certo conflito entre o pesquisador e os pesquisados, o que não ocorre na observação não-participante.

Para Godoy (1995b, p. 27), em ambos os casos, é importante manter um relacionamento agradável e de confiança entre pesquisador e pesquisados. Para isso, recomenda esclarecer os objetivos da pesquisa e a situação de pesquisador no início do trabalho. Além disso, destaca a necessidade de focar naquilo que interessa, orientando a observação em torno do que é relevante para o estudo, deixando de lado dados e informações que podem levar a uma análise incompleta do problema.

Contudo, Anguera (1997) enuncia que, em geral, a observação apresenta vantagens e limitações em sua aplicação. Como vantagens relaciona: i) a possibilidade de obter a informação tal como ela ocorre, no local onde o pesquisador se encontra; ii) muitos comportamentos, considerados sem importância pelos pesquisados, podem escapar à atenção do pesquisador ou serem difíceis de serem traduzidos em palavras, só podendo ser percebidos por quem observa; iii) alguns sujeitos pesquisados não podem se manifestar verbalmente, sendo a observação o método apropriado para coletar dados; e iv) existem situações em que o pesquisador encontra resistência por parte dos sujeitos estudados, ou estes não dispõem de tempo para serem entrevistados, sendo, nestes casos, a observação uma forma de superar estas questões, já que exige pouca interação com os pesquisados.

Quanto às limitações que a observação pode revelar ao pesquisador, Anguera (1997) especifica: i) é impossível o pesquisador prever, antecipadamente, a ocorrência de determinada situação para estar presente no exato momento em que ela acontece e, assim, observar; ii) fatores ocultos e/ou imprevisíveis podem interferir a observação de determinadas situações; iii) a possibilidade de aplicar a técnica é limitada pela duração dos eventos ou por acontecimentos que dificultam a presença do pesquisador devido sua natureza; e iv) embora, historicamente, os estudos realizados por antropólogos não sentissem necessidade de quantificar seus dados e a observação tenha apresentado esta ideia como fator limitante, atualmente, considera-se a mesma equivocada, pois, embora alguns dados observados não possam ser quantificados, é importante destacar que outros podem ser.

Segundo Godoy (1995b) é comum combinar a técnica da observação com a entrevista, mesmo que estas sejam curtas e rápidas, conduzidas informalmente no ambiente natural do pesquisado. Porém, podem ocorrer situações em que o pesquisador tenha que optar por uma entrevista mais formal. Este autor argumenta que mesmo pouco estruturadas, sem uma ordem específica de questões, não significa que o pesquisador não tenha em mente algumas perguntas que considera fundamentais para o seu estudo. Ressalva que, em concordância com o entrevistado, o pesquisador pode gravar a entrevista para obter dados mais precisos ou, simplesmente, fazer algumas anotações.

Ao empregar a observação como técnica de pesquisa, o ideal é que “[...] a análise esteja presente durante os vários estágios da pesquisa, pelo confronto dos dados com questões e proposições orientadoras do estudo [...]”. Todavia, um pesquisador pouco experiente pode ter que concluir a fase de coleta de dados para, só depois, iniciar o processo de análise dos mesmos. “Organizar e analisar todo o material obtido por meio de documentos, observações e entrevistas não é tarefa fácil [...]”, pois exige do pesquisador o domínio da metodologia,

sendo a análise de conteúdo parte integrante. Além disso, é importante destacar que o conteúdo das observações, normalmente, “[...] envolve uma parte descritiva do que ocorre no campo e uma parte reflexiva, que inclui os comentários pessoais do pesquisador durante a coleta de dados.” Esse registro é, na maioria das vezes, realizado por meio de anotações escritas em diário de campo, sendo este material usado como complemento ao material obtido de gravações (GODOY, 1995b, p. 27).

Assim, para poder fazer uso desta técnica com mais propriedade, considerando suas possibilidades e limitações na observação da prática com materiais recicláveis em uma cooperativa, apresenta-se a seguir alguns aspectos inerentes a esta atividade.

4 A prática com materiais recicláveis em cooperativas

A prática com materiais recicláveis desenvolvida cotidianamente por catadores de cooperativas é permeada por várias ações, entre elas, a identificação, a coleta, o transporte, a separação e a destinação destes materiais. A Lei 12.305, sancionada pelo Governo Federal em 2010, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos, provocou inúmeras mudanças naquilo que se refere à gestão ambiental. Esta lei veio dispor sobre os “princípios, objetivos e instrumentos, bem como sobre as diretrizes relativas à gestão integrada e ao gerenciamento de resíduos sólidos, incluídos os perigosos, às responsabilidades dos geradores e do poder público e aos instrumentos econômicos aplicáveis” (BRASIL, 2010, art. 1º).

A gestão integrada e o gerenciamento ambientalmente adequado dos resíduos sólidos do qual versa a legislação, inclui a coleta seletiva, a separação dos resíduos orgânicos (restos alimentares) dos resíduos inorgânicos (papéis, vidros, plásticos, metais etc.), e o acondicionamento destes materiais em sacos ou recipientes nos locais onde são produzidos. Tais práticas facilitam reciclagem dos materiais, proporcionando maior potencial de reaproveitamento e comercialização (IBGE, 2002).

De acordo com as definições da Política Nacional de Resíduos Sólidos a reciclagem compreende o processo de transformação dos resíduos sólidos, o qual envolve a alteração de suas propriedades físicas, físico-químicas ou biológicas, com vistas à transformação em insumos ou novos produtos (BRASIL, 2010). Bortoli (2013, p. 254) complementa destacando que esta atividade “[...] contempla, no seu processo, o aproveitamento de materiais e sua reintrodução no ciclo produtivo e, no entanto, nem sempre, nesse processo, está incluída a coleta dos materiais que serão transformados.” Neste sentido, observa que cabe aos catadores fazer essa coleta, cuja etapa é essencial para o processo de reciclagem, já que sem ela não é possível fazer a transformação.

Com isso, o Governo Federal por meio de políticas de apoio, passou a incentivar a organização de catadores de materiais recicláveis em cooperativas e associações, sendo este o modelo escolhido para a organização produtiva deste público no Brasil, bem como incidiu a destinação de infraestrutura para que estes empreendimentos pudessem ter condições de prestar os serviços aos quais se propunham (PEREIRA e GOES, 2016). Apesar disso, dados de algumas bases analisadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) revelam que o percentual de associativismo em empreendimentos econômicos coletivos, associações e cooperativas, ainda é baixo entre os trabalhadores, ficando em torno de 10% em todo o território nacional (SILVA, GOES e ALVAREZ, 2013).

Segundo Moura, Serrano e Guarnieri (2016) a organização em cooperativas e associações possibilita garantir a renda e o emprego para estes trabalhadores, representando uma nova forma de organização econômica para setores vulneráveis da população. Além disso, proporciona outras melhorias, como condições de trabalho decente e reconhecimento social da profissão; permite reivindicações de direitos, mesmo que no exercício da atividade sejam desprovidos de garantias trabalhistas e atuem em ambientes com péssima qualidade, condizentes ao trabalho informal.

Para Silva, Goes e Alvarez (2013, p. 05) o trabalho realizado por estes trabalhadores “[...] consiste em catar, separar, transportar, acondicionar e, às vezes, beneficiar os resíduos sólidos com valor de mercado para reutilização ou reciclagem.” Nessa atividade cotidiana, transformam algo considerado, a princípio, sem utilidade, em mercadoria outra vez, ou seja, algo útil, dotado de valor de uso e de troca. Dessa forma, acontece a ressignificação do lixo em mercadoria. Dados do Censo Demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), apontam que 387 mil pessoas diziam ter nessa atividade sua ocupação principal, cuja renda média nacional era de R\$ 571,56 mensais (acima do salário mínimo de R\$ 510,00, no momento da pesquisa).

A disposição dos catadores de materiais recicláveis em cooperativas tem por objetivo proporcionar a estes trabalhadores uma forma organizada da atividade, de maneira independente, respeitando o ritmo e a vontade de cada um dos participantes. Não obstante, Moura, Serrano e Guarnieri (2016) ressaltam que a maioria dos catadores trabalha em condições de insalubridade e perigo, são submissos a uma jornada de trabalho extensa, da qual obtém ganhos menores do que um salário mínimo, o que inviabiliza melhorar as condições em que vivem. Nesse aspecto, os autores identificam os catadores como “[...] sujeitos explorados em um ciclo produtivo, no qual existem intermediários na logística reversa que ainda obtém a maior parcela dos ganhos que deveriam ser desses trabalhadores [...]” (MOURA, SERRANO e GUARNIERI, 2016, p. 268).

Além disso, Moura, Serrano e Guarnieri (2016) também observam que a atividade com materiais recicláveis e reutilizáveis, exercida pelos catadores, é extremamente importante para a sociedade na medida em que suscita resultados positivos, contribuindo para o aumento da vida útil dos aterros sanitários e para a geração de emprego e renda a milhares de famílias. Por isso, observar o cotidiano deles torna-se importante na medida em que os catadores são seres humanos e sujeitos ativos que desempenham um papel importante no contexto social.

5 O percurso metodológico da pesquisa

O percurso metodológico adotado para alcançar o objetivo proposto nesta pesquisa fez com que, primeiramente, se buscasse na literatura, por meio de uma pesquisa bibliográfica, os fundamentos teóricos necessários sobre as questões intrincadas neste estudo. Após a leitura do material, delineou-se o arcabouço teórico a ser desenvolvido, tendo como referência os principais autores da área.

Por abarcar uma pesquisa empírica com abordagem qualitativa, foi preciso definir o objeto de estudo, os sujeitos envolvidos e os procedimentos necessários. Nesse sentido, por conveniência e por já ter desenvolvido outros trabalhos relacionados com materiais recicláveis, foi estabelecido contato com uma cooperativa dos catadores de materiais para verificar a possibilidade de estar visitando-a para conhecer seu cotidiano e, a partir disso, coletar dados *in loco*, exercitando a prática com alguns procedimentos metodológicos no cotidiano dos catadores que atuam nesse espaço. Neste contato, conversou-se com o gestor responsável que, de maneira muito receptiva, permitiu que fosse explicado o objetivo do trabalho e autorizou sua realização.

Assim sendo, iniciou-se a coleta de dados por meio da técnica da observação, realizada em quatro momentos diferentes, sendo dois no horário das 08 às 10 horas, e outros dois das 13 às 15 horas. Destaca-se que durante as observações sobre o cotidiano dos catadores contou-se com o apoio de um diário de campo para as respectivas anotações. Ainda, no decorrer da aplicação desta técnica, foram filmadas e fotografadas determinadas práticas realizadas pelos catadores e acessados vídeos disponibilizados pelos colaboradores.

Por ser esta uma experiência relativamente nova para a pesquisadora envolvida na abordagem qualitativa por meio da observação, optou-se por fazer a observação não-participante. Entendeu-se que seria um tanto difícil observar, anotar e, ao mesmo tempo,

desenvolver a atividade que os catadores pesquisados estavam desenvolvendo na cooperativa. Sem falar que, o fato de não apresentar, de imediato, a agilidade que estes demonstraram ter no desenvolvimento das práticas, poderia comprometer o fluxo normal da atividade.

Além da observação não-participante foi preciso associar a entrevista como uma técnica complementar. Primeiramente, foram realizadas algumas conversas informais com um gestor, duas colaboradoras e algumas catadoras que se dispuseram a, apenas, conversar durante a primeira observação. Posteriormente, foi possível fazer entrevistas, mesmo que curtas e rápidas, com gravador e um pequeno roteiro semiestruturado com os catadores, homens e mulheres, que se sentiram mais à vontade em falar, a partir da segunda observação, totalizando (07) entrevistas. Algumas conversas informais aconteceram em outros momentos.

Por fim, formalizou-se, com roteiro semiestruturado e gravador, a entrevista com o gestor responsável pela cooperativa. Feito isso, as anotações do diário de campo foram transcritas em documento de texto (*word*) e, da mesma forma, as entrevistas foram transcritas na íntegra. Na sequência, o material foi organizado para que fosse possível analisar seu conteúdo à luz dos pressupostos teóricos já levantados.

6 Observando o cotidiano de um cooperativa

A experiência com a técnica da observação ocorreu no ambiente de uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis. Para melhor aplicar esse procedimento, foram considerados os pressupostos teóricos pesquisados anteriormente, especificamente, as fases propostas por Anguera (1997). Com isso, permeando o objetivo da pesquisa, deu-se início à coleta de dados. Mesmo optando pela observação não-participante, a pesquisadora procurou se caracterizar da maneira mais simples possível, evitando usar vestimentas muito diferentes daquelas que os catadores, normalmente, usam para trabalhar. Diálogos curtos e informais, bem como entrevistas ajudaram a descrever alguns aspectos que, exclusivamente com a observação, percebeu-se que não seria possível (GODOY, 1995b).

Adentrando no espaço da cooperativa, revela-se a seguir, aquilo que foi observado no cotidiano dos catadores de materiais recicláveis, o *homem ordinário*. Entre tantas passagens que foram acompanhadas, serão elencadas aquelas que se entende serem as mais importantes na apreensão das atividades daqueles que *fazem com*. Para isso, a ênfase dada, inicialmente, será para a cooperativa, seguida da apresentação de suas atividades, dos materiais envolvidos, dos processos, do ambiente, de quem são os sujeitos, e por fim, da convivência no cotidiano.

Quanto à cooperativa, conversando com um dos gestores, membro da diretoria, soube-se que a cooperativa foi fundada em 1999, fruto de ações da Campanha da Fraternidade, cujo lema era: *Sem trabalho, por quê?* Essa campanha tinha entre outros objetivos incentivar um amplo movimento de solidariedade para manter viva a esperança dos que enfrentavam, diretamente, o problema do desemprego, promovendo iniciativas concretas de geração de trabalho e renda, no paradigma da solidariedade cristã (CNBB, 2016). Nesse sentido, poder público e entidades religiosas e empresariais do município se organizaram para obter recursos da esfera governamental federal e viabilizar sua constituição, tirando os catadores do aterro sanitário (*lixão*) e das ruas da cidade.

Segundo Bortoli (2013) a organização da atividade exercida pelos catadores teve início com a formação de associações e cooperativas na década de 90, alcançando visibilidade em 1999, com o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). Essa autora confirma que tais iniciativas estão vinculadas a ações assistenciais da Igreja Católica e da sociedade civil, como aconteceu com a cooperativa, objeto deste estudo.

Informações disponibilizadas pelo vídeo institucional revelaram que, inicialmente, a cooperativa contava com vinte (20) “*carrinheiros*” e um (01) barracão alugado. No decorrer dos últimos dezesseis (16) anos, passou por inúmeras dificuldades, entre elas dois (02) incêndios, sendo que um destruiu parcialmente e outro totalmente sua infraestrutura.

Atualmente, tem um quadro que gira entre trinta (30) e quarenta (40) cooperados e três (03) colaboradores. As atividades são desenvolvidas em dois (02) barracões, com o apoio de quatro (04) caminhões para fazer a coleta, um (01) da cooperativa, um (01) da prefeitura e dois (02) alugados. Para os cooperados são disponibilizados sanitários, vestiários para banho e um espaço para as refeições, sendo o almoço trazido pelos próprios catadores e o café da manhã e da tarde oferecido pela cooperativa com o apoio de empresários. Nos dias em que foi realizada a observação no primeiro horário da manhã foi possível acompanhar o momento em que eles chegavam para tomar o café antes de fazer qualquer outra atividade; transpareceu ser este momento importante e necessário para eles.

Observou-se que as atividades da cooperativa se dividem em atividades de gestão e produção. As atividades de gestão são realizadas por uma diretoria, tendo entre seus membros o presidente, o vice-presidente e seus diretores. É regida por um estatuto, realizando assembleias de dois (02) em dois (02) anos para prestação de contas. As atividades de produção são realizadas pela maioria dos cooperados e estão vinculadas diretamente ao manuseio dos materiais. Sua estrutura é relativamente grande, com a maior área coberta se comparada com as demais cooperativas do país, totalizando 3.600 m². Durante as observações ficou visível que as colaboradoras pouco se misturam com os cooperados, permanecendo grande parte do tempo no espaço reservado para a administração. Igualmente, o gestor vice-presidente, apenas supervisiona as atividades, circulando pelos barracões.

Atuando com dois objetivos principais, um social e outro ambiental, a cooperativa presta serviços para a prefeitura do município, de quem recebe recursos, ou seja, a prefeitura repassa para a cooperativa parte das taxas de lixo que cobra da população, para que esta realize a coleta dos materiais recicláveis. Segundo o gestor, a cooperativa recebe um percentual muito pequeno, considerando o trabalho que realiza e o custo de manutenção envolvido. De acordo com sua revelação, são coletadas 350 toneladas, sendo que 30 a 40 % destas refere-se à rejeitos que acabam sendo enviados ao aterro. Com isso, percebe-se que são aproveitadas em torno de 300 toneladas. Isso foi confirmado durante as observações, pois havia uma grande quantidade de materiais chegando para a triagem por meio da coleta realizada pelos cooperados ou trazidos pelas empresas do município e, também, pelo acúmulo de rejeitos aguardando para serem levados até o aterro sanitário.

Silva, Goes e Alvarez (2013, p. 13-14) corroboram quanto aos objetivos explícitos da cooperativa ao dizerem que a atividade voltada para a reciclagem não traz apenas benefícios econômicos, traz, também, benefícios ambientais em diferentes dimensões, já que evitam "... perda de recursos madeireiros e não madeireiros; danos ao ciclo hidrológico; perda de biodiversidade; perda de potencial de desenvolvimento de novas drogas; impactos sobre a saúde ocupacional; danos à saúde humana de emissões atmosféricas.". Além disso, contribui, para a redução do consumo de energia.

Quanto à gestão dos recursos econômicos da cooperativa, verificou-se que o recurso recebido da prefeitura somado ao faturamento proveniente da comercialização de materiais, que gira em torno de 100.000,00/mês, é, praticamente, todo distribuído aos cooperados. Para fazer a distribuição, trabalham com metas, cujo objetivo é distribuir, ao menos, um salário mínimo. Para isso, incentivam para que o trabalho aconteça. Contudo, mantém fichas de controle diário, onde os cooperados são responsáveis por assinar, registrando os períodos trabalhados, fazendo assim a distribuição de acordo com o que foi produzido por cada um. Observou-se que, no refeitório, havia uma prancheta com a ficha de controle diário para que os cooperados assinassem ao chegar. A pesquisadora-observadora, acompanhou momentos relacionados à distribuição dos recursos aos cooperados, questão esta vinculada ao espaço e tempo da observação (ANGUERA, 1997).

Questionado em relação à regras e horário de trabalho, ou seja, cumprimentos por parte dos catadores, o gestor entrevistado sinalizou que existem regras que regem a atividade.

Com isso, percebe-se que ao se associarem às cooperativas, os catadores estão sujeitos ao controle, aos mecanismos de poder e dominação exercidos nestes ambientes, conforme evidenciou Certeau (2012), ou seja, acabam sendo presos às redes de vigilância por meio de mecanismos de disciplina. Uma das catadoras que trabalha há treze (13) anos na cooperativa confirmou isso: “[...] comecei de carrinheira, trabalhei uns pares de anos catando papel na rua [...] era mais fácil, era mais, mais assim, mais a vontade né ... aqui a gente tem que cumprir os horários certinho né ... é difícil mais tem que ser.” (E2). No momento em que se conversava com ela, percebeu-se que ela estava com um certo receio por parar para falar com a pesquisadora; não foi possível identificar a razão, talvez por estar no horário de saída do caminhão para a coleta (no momento passou alguém e ela disse: *já estou indo!*) ou se era simplesmente pelo fato de falar algo que pudesse comprometê-la.

No que tange às atividades, observando, percebeu-se que no cotidiano da cooperativa algumas são rotineiras, outras nem tanto, pois a cada dia, coisas diferentes aconteciam, sendo difícil estar presente em todas as situações para observar e captar tudo. Todavia, basicamente as atividades estão voltadas para: i) coleta, ii) a triagem, iii) o enfardamento, iv) a comercialização do material, v) a logística de transporte, indo ao encontro daquilo que afirmam Silva, Goes e Alvarez (2013). Em sua entrevista o gestor revelou “o dia é muito corrido, a gente tem toda uma logística de funcionamento” (EG).

A coleta de materiais é feita, diariamente, por alguns catadores que se dividem em dois grupos, em dois caminhões. Com um *jingle* próprio da cooperativa para chamar a atenção da população, seguem o roteiro estabelecido para coletar nos bairros da cidade. No último dia da observação, um dos caminhões teve problemas mecânicos, prejudicando a coleta. Entretanto, o fato desses catadores permanecerem trabalhando internamente agilizou a atividade, diminuindo o acúmulo de materiais para serem separados. Observou-se que ao mesmo tempo que isso agilizou as atividades, os catadores demonstraram preocupação por ter apenas um caminhão fazendo a coleta; talvez porque isso, conseqüentemente, interferiria na quantidade do material a ser coletado e recebido para ser triado nos próximos dias. Só pela observação não se captou o que estaria envolvido, nem mesmo o que o semblante de preocupação de alguns estava querendo revelar.

Já a triagem é realizada por outro grupo de catadores, na maioria mulheres, que trabalham na esteira, separando os materiais que podem ser reciclados de acordo com o tipo, colocando-os em *begs* nas laterais da esteira. As catadoras se distribuem ao longo da esteira, sendo que na ponta/inicial do processo são abertos os sacos de maneira muito ágil. No decorrer da esteira é feita a separação e na ponta/final os materiais não selecionados, ou seja, os que não podem ser aproveitados, são armazenados em um *beg* para serem destinados ao aterro sanitário.

Vale destacar que no momento em que a pesquisadora se aproximou da esteira para observar o desenvolvimento das atividades, sentiu que sua presença despertou uma certa desconfiança por parte dos catadores que ali estavam; dirigiram um olhar sério, demonstraram um semblante um pouco fechado, trocaram olhares entre si. Foi necessário explicar as razões pelas quais a pesquisadora estava ali; falou-se dos objetivos da pesquisa. Contudo, nem mesmo sabendo disso, foram mais acolhedores. Seria uma *estratégia*, uma demonstração de poder por parte deles?

Somente no dia seguinte, observou-se um acolhimento com mais empatia, foram mais simpáticos e, inclusive, aceitaram dialogar, permitindo gravar conversas rápidas, algo que não tinha acontecido no dia anterior. Nos demais dias a presença da pesquisadora fluiu normalmente, tornando-se familiar, não surtindo mais nenhuma estranheza como acontecera anteriormente. Pela observação não se pode argumentar sobre as razões porque isso aconteceu inicialmente, talvez por se sentirem vigiadas, ou por não saberem o que poderia estar por trás do trabalho, ou por não poderem parar, prejudicando o fluxo do trabalho; nem mesmo se sabe

porque isso mudou na sequência. A manifestação de atitudes como estas vão ao encontro do que Stacey (1977) destaca como limitação da observação, já que a simples presença do observador pode inibir e/ou constranger os observados. O que aconteceu neste caso.

Dando continuidade ao tratamento dado aos materiais, observou-se que quando os *begs* com materiais selecionados ficam abarrotados, são transportados para um outro local onde são feitas as etapas seguintes, ou do enfardamento (prensagem), ou da moagem e aglutinação, para posteriormente serem comercializados e transportados. O transporte interno desses *begs* é feito manualmente; mulheres e homens se revezam nesta atividade que demanda grande esforço físico.

No processo de triagem percebeu-se que as mulheres utilizam recipientes menores que os *begs*, colocados próximos da esteira, como caixas de papelão, cestos plásticos e outros. Somente quando estes recipientes estão cheios, elas depositam o material no *beg* respectivo para o tipo de material que separaram. Questionadas sobre a razão pela qual faziam isso, disseram que é para facilitar a separação de materiais pequenos. Observou-se que, normalmente, os materiais são jogados para os *begs*, num movimento constante e barulhento; e materiais pequenos, se jogados, nem sempre caem dentro do *beg*. Vidros são jogados com mais força. Contudo, somente a observação não indicou a razão porque *fazem* assim. Seria para expressar um sentimento ou simplesmente para quebrar e reduzir o volume? O *layout* da esteira e dos *begs*, ou seja, o espaço, prejudicou a aproximação da pesquisadora para observar melhor. O que se pode afirmar é que estas são algumas *maneiras de fazer* que elas encontraram, fazendo uso das *táticas* no seu espaço (CERTEAU, 2012).

A observação permitiu averiguar que, basicamente, os materiais são separados da seguinte maneira nos *begs*: papel jornal, papel branco, papel colorido, vidro branco, vidro colorido, caixinhas de leite, garrafa *pet* transparente, garrafa *pet* colorida, potes plásticos pequenos (tipo margarina), potes plásticos (produtos de limpeza), potes plásticos (tipo bacias), papelão, latas (refrigerantes e cerveja) e sacolas plásticas. Estes, por serem materiais em grande quantidade, são armazenados nos *begs* das laterais. Paralelamente a estes *begs*, constatou-se que, também, ficam alguns *begs* para livros e cadernos, latas maiores (de tinta) e eletrodomésticos. Materiais maiores são transportados individualmente e colocados em locais próprios, como por exemplo, cadeiras, caixas grandes, estes até passam pela esteira; outros ainda maiores, como armários, fogões, geladeiras, computadores, quando entregues na cooperativa já são armazenados diretamente em local próprio. Alguns destes, chegam a ser reaproveitados pelos cooperados que levam para suas casas; em vários momentos observou-se as catadoras avaliando as roupas que passam pela esteira. Nesse momento, manifestam algum sentimento trocando olhares entre si, sentimento este não identificado pela observação. Assim, por meio de práticas astuciosas pode-se dizer que se apropriam daquilo que não serve mais para a sociedade, fazendo uma espécie de bricolagem apontada por Certeau (2012).

Contudo, percebeu-se que, pela esteira, passa todo tipo de material, não apenas o reciclável, mas, também, rejeitos (papel higiênico e absorventes), restos de alimentos, animais mortos, roupas, calçados, brinquedos, ferro de passar, liquidificador, isopor, madeira, seringas com agulhas, folhas secas, terra, folhagens, entre outros. Observou-se que na ponta final da esteira é colocado um *beg*, no qual estes materiais que não selecionados são armazenados para serem levados ao aterro sanitário. Em um dado momento, nota-se que uma das catadoras pega uma muda de folhagem e admira-a por um longo período. Só observando não foi possível captar o significado desta atitude, sendo prejudicado pelo estilo perceptivo da pesquisadora.

Posteriormente, questionou-se as catadoras referente aos equipamentos eletrônicos, como caixinhas de som e teclados de computadores, se são separados ou se vão direto para o *beg* dos rejeitos. Elas disseram que esse tipo de material é separado para destino adequado. Já o gestor entrevistado pareceu se contradizer ao explicar ora que a orientação é para separar, pois tem uma ONG da região que recolhe, ora falando que a orientação é para deixar ir

mesmo, sendo que este tipo de material é problema, é custo para a cooperativa, já que não tem uma destinação certa para comercialização e se estaria assumindo a logística reversa, coisa que não lhe cabe.

Questionado, novamente, se vai algum material eletrônico para o aterro sanitário, ele silencia por uns segundos e diz: “*Não, é muito difícil, não vai, da nossa parte não, porque a gente procura estar armazenando o que é eletrônico ...*” (EG). Porém, verificou-se que junto com os materiais não reaproveitados e que são armazenados no *beg*, na ponta/final da esteira, tem este tipo de material. Seria o *fraco* tirando partido do *forte*? Certeau (2012) se refere a uma grande parte das *maneiras de fazer* como vitórias do *fraco* sobre o *mais forte*.

Além da triagem feita na esteira, verificou-se que outros processos de separação específicos ocorrem com certos materiais, como por exemplo, com o plástico. Ao caminhar pela cooperativa constatou-se que, ao fundo do barracão, duas catadoras separam plásticos em brancos e coloridos. Para isso, elas usam um isqueiro, queimando o plástico. Questionadas sobre o que fazem, uma delas disse que estão testando o plástico com o fogo: “[...] *se o plástico cheira vela é bom, se arde é ruim [...]*” (E7). *Aqui, outra vez, será que se pode confirmar uma tática, uma performance operacional decorrente do saber adquirido, conforme referência de Certeau (2012)?*

Observou-se que algumas máquinas e equipamentos são utilizados no decorrer das atividades produtivas da cooperativa, situação em que parte do material é moído e aglutinado para obter maior valor de mercado. Neste sentido, contam com duas (02) linhas de moagem e dois (02) aglutinadores, sendo uma linha a seco e outra com água para lavar os materiais plásticos, além da esteira e da prensa. No momento da observação a empilhadeira estava parada com problemas técnicos; percebeu-se que uma empresa localizada ao lado, emprestou este equipamento para o transporte de *begs*, num momento de organização interna.

A destinação do material reciclável, inclusive os que passam por um processo de pré-industrialização, e do resíduo não reciclável é realizada semanalmente. Grande parte do material que será reaproveitado é enviado para outras cidades do Estado, como Cascavel, Londrina e Maringá. O rejeito é enviado para o aterro sanitário do município.

Ao analisar o ambiente da cooperativa, por sinal nada acolhedor, percebe-se que este apresenta um cheiro muito desagradável em função da grande quantidade de resíduos acumulados para separação, que contém, entre eles, rejeitos que contribuem para que isso ocorra. Já no contato inicial com a cooperativa percebeu-se isso. Contudo, destaca-se que, conforme foram realizadas as observações, o cheiro foi se tornando familiar, situação comum, conforme afirmou uma das entrevistadas, quando questionada sobre isso: “[...] *no início para mim foi difícil, por causa do cheiro, aí depois que a gente se acostuma, passa! Aí dá para trabalhar legal! O cheiro é muito forte ... vai se acostumando.*” (E7).

Nesse sentido, um outro aspecto importante observado é que ninguém na cooperativa utiliza máscara de proteção, apenas luvas. Sobre isso, uma das catadoras falou que estes equipamentos de proteção são oferecidos, mas, ela não gosta de usar, prefere usar somente as luvas; indagada sobre a razão pela qual não gosta de usar, ela responde: “[...] *fico afogada!*” (E4). Percebe-se, aqui, uma ação de resistência diante daquilo que lhe é imposto. Seriam *estratégias* relacionadas com o poder, uma espécie de contrapartida definida por Certeau (2012)?

Além do cheiro característico na atividade, observou-se que o ambiente para desenvolver a atividade é muito precário, pouco iluminado, praticamente sem ventilação. Conta apenas com portas, duas (02) destas localizadas nas entradas dos barracões e outras duas (02) na lateral e na parte de trás de um deles, neste caso, portas menores. Segundo os catadores, isso contribui para o aumento do calor no verão. O barulho das máquinas, também, faz parte do cotidiano da cooperativa. Também foram encontrados ratos andando pelo local; fato este que é normal, conforme disse uma das catadoras que no momento organizava o

material acumulado: “[...] não dá nada não, nos assusta, mas [...]” (C1). Observou-se que elas trabalhavam com naturalidade e que isso é parte do cotidiano da cooperativa.

Sobre isso, Silva, Goes e Alvarez (2013) admitem que, frequentemente, estes trabalhadores são submetidos a situações de calor, umidade, ruídos, chuva, risco de quedas, atropelamentos e cortes. Além destas, apontam, inclusive, mordedura de animais, contato com ratos e moscas, o mau cheiro e fumaça decorrentes do acúmulo de resíduos sólidos, sobrecarga de trabalho e levantamento de peso, contaminações por materiais biológicos ou químicos, entre outros.

Quanto ao *homem ordinário*, os sujeitos que fazem na cooperativa, quem são eles? Homens e mulheres, idosos e jovens são os catadores que desenvolvem a atividade. Entre eles alcoólicos, ex-presidiários, desempregados ou pessoas que nunca conseguiram entrar no mercado de trabalho. O gestor falou sobre isso: “[...] a gente trabalha bastante com pessoas apenadas, ex-apanados ai, [...] tem pessoas problemáticas, tem pessoas com problema de álcool, tem pessoas com problemas psicológicos [...]” (EG). Uma catadora que está na atividade há onze (11) anos desabafa “[...] por causa que lá fora ... eu não tenho estudo né, não tenho como trabalhar, tem que trabalhar aqui [...]” (E4). Segundo Bortoli (2009) a atividade dos catadores de materiais recicláveis é peculiar daqueles que se tornaram não-empregáveis e, por isso, foram conduzidos ao trabalho informal.

Observou-se que a faixa etária dos catadores varia entre os entrevistados, de 27 a 71 anos. Porém, os números contradizem se comparados com a expressão facial revelada em alguns, pois mostra pessoas sofridas, com idade superior a relatada, envelhecidas pelas condições de vida a que foram submetidas. Quanto ao tempo em que estão vinculados à cooperativa, algumas pessoas disseram que há 14 anos, outras 5 anos, outra apenas 2 meses, o que também varia muito. Um aspecto importante observado é que a maioria são mulheres. A fala do gestor confirma isso: “A maioria do nosso pessoal aqui são mães, são pessoas arrimo de família [...]” (EG). Questionado do porquê de serem a maioria, ele respondeu: “[...] elas são mais comprometidas [...]” (EG). Conversando com um catador ele argumentou: “[...] tem mulher que trabalha mais do que homem aqui dentro [...]” (E6). A observação permitiu que se confirmasse isso, pois elas trabalhavam com bastante agilidade e em qualquer processo, seja na coleta, na triagem, no carregamento e/ou na operação das máquinas e equipamentos. Em seus estudos Bortoli (2009) relata que 64% dos envolvidos com a coleta de materiais recicláveis são do sexo feminino.

Apesar de tudo, a convivência entre os catadores que trabalham na cooperativa, pela observação, demonstrou ser agradável. As atividades revelaram-se intensas e constantes, pois a esteira, por exemplo, não para e é preciso seguir o fluxo. Conversas rápidas surgiam no decorrer da execução das tarefas, conversas estas sobre coisas corriqueiras, da vida do *homem ordinário*, como o preço do feijão, do quanto está caro, do quanto está difícil para quem tem vários filhos. Uma das catadoras demonstrou atenção para com um outro colega, na medida em que perguntou se a mãe dele melhorou (supôs-se que ela estava doente).

No entanto, em um dado momento, verificou-se que nenhuma das mulheres que trabalhavam na esteira mudaram de lugar nos dias em que se esteve observando; questionou-se sobre isso. Para surpresa, umas das catadoras que trabalhava na ponta/final da esteira, respondeu em nome das demais: “[...] nem nós queremos ir pra lá, nem elas querem vir para cá [...]” (E5). Nesse momento, percebeu-se que elas trocaram olhares e não quiseram falar mais. O que queriam dizer com isso? O tempo de observação e o estilo perceptivo da pesquisadora limitou essa compreensão.

Ao se aproximar da ponta/inicial da esteira, a pesquisadora percebeu-se que as catadores simplesmente sinalizaram com a cabeça que não iriam falar e, assim, não pararam a atividade. Não se teve certeza da razão pela qual não quiseram conversar, embora se tenha

observado que todo trabalho da esteira dependia delas, já que era ali o local de abertura dos sacos com os resíduos a serem selecionados na sequência.

Entretendo, ao ser questionada sobre a convivência, uma das catadoras revelou: “[...] *no começo, algumas pessoas queriam ser mais do que eu, mas eu pelejei até que eu consegui né, aprender a luta com as pessoa né ... por causa que tem mais tempo né, tem mais tempo, aí achava que [riu] achava que era mais sabida que a gente né, é isso, mas logo eu aprendi [...] o dia a dia é gostoso demais, eu gosto [...].*” (E1)

Outra que está há treze (13) anos na cooperativa complementa “[...] *é mais ou menos sabe ... assim, tem um monte de problema que a gente não gosta, vê e fica quieto, as vezes a gente acaba falando [...] tem gente né, ficam aí, não fazem nada, ficam andando por aí, aí a gente vai falar, acham ruim [...].*” (E2). Com receio de falar, um catador que desempenha a atividade há quatorze (14) anos, olha para os lados, e diz: “[...] *tem muita coisa errada, mas [...] tem confusão, é tem confusão, nem vou falar nada, melhor fica quieto ne [...].*” (E6).

Os catadores também falaram sobre o significado que o trabalho que realizam tem em suas vidas. Entre outras revelações, destaca-se o que uma catadora disse: “[...] *graças a Deus, daqui eu tiro o sustento, pago os remédios para minha filha [...] o serviço que nós fizemos aqui, deve ter muito valor porque o que a gente faz, eu acho que é um serviço muito bonito, porque é uma limpeza da cidade [...].*” (E5). Outro catador complementa: “[...] *o trabalho é cansativo né, mas ... eu gosto da cooperativa, eu gosto [...] eu gosto daqui, não quero parar, já era para ter parado, eu sou aposentado né, aposentei aqui dentro, aposentei por idade ... continuo porque o salário é pouco, a aposentadoria é pouca, aqui é tipo um bico [...].*” (E6).

Com tantos achados e outros tantos guardados por não vir ao caso revelar aqui, encerra-se essa experiência observadora dizendo que muitas questões não foram respondidas e/ou ficaram subentendidas por meio da observação. Embora se tenha usado de diálogos e conversas informais para complementar essa técnica, o pouco tempo empregado na observação não foi suficiente para tanto. Realmente constatou-se que o espaço e o tempo limitaram a pesquisa. Destarte, concluiu-se que, como tal, a observação proporcionou inúmeras possibilidades, estas confirmadas *in loco*, segundo a teoria estudada e apresentada anteriormente. Outrossim, também, permitiu que se experimentasse das suas limitações.

7 Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo compreender a observação como procedimento metodológico, considerando suas possibilidades e limitações na apreensão do cotidiano de uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis, tendo como referência a abordagem teórica de Michel de Certeau. Para isso, realizou-se um levantamento bibliográfico acerca dos conceitos considerados essenciais para devolver este estudo.

A experiência com a técnica da observação e a análise do conteúdo incutiu na pesquisadora o sentimento de que o emprego desse procedimento metodológico não se constituiu tarefa fácil na apreensão do cotidiano, principalmente, para identificar as *táticas* e *estratégias* discutidas por Certeau (2012). Para que isso ocorra, é preciso dominar estes procedimentos, bem como, associar outras técnicas e ter uma percepção muito aguçada; aspectos estes que só a experiência em pesquisas do tipo pode proporcionar ao pesquisador.

Anguera (1997) ratifica ao falar que as dificuldades podem derivar da seleção natural de alguns estímulos, como por exemplo, a localização do observador no espaço e no tempo, o que acaba contribuindo para que a observação seja parcial. Foi o que aconteceu nesta pesquisa. O fato de as laterais da esteira estarem rodeadas de *begs* e de sua ponta/inicial estar com grande quantidade de material a ser triado, ali acumulado, dificultou o acesso. Além disso, as observações foram pontuais, embora em horários e turnos diferentes.

Além disso, a fadiga da atenção ou a imprevisibilidade de estímulos; a atenção seletiva, já que o pesquisador está sujeito à incontáveis estímulos no ambiente que está

observando; os efeitos de concentração e assimilação; o estilo perceptivo do observador, bem como, a atividade perceptiva decorrente; são aspectos essenciais que precisam ser considerados, já que podem limitar os resultados da observação (ANGUERA, 1997).

Já de início percebeu-se o quanto é difícil para o pesquisador observar, ter suas impressões, captá-las e ao mesmo tempo anotá-las, sem que nada se perca nesse momento. Anguera (1997) expõe sobre estas questões, referindo-se a elas como obstáculos gerais ligados à percepção como operação humana; aspectos particulares e subjetivos do observador; limitações decorrentes do referencial teórico e a modificação dos sujeitos e das situações, fruto da própria observação.

Nesse sentido, é importante que os pesquisadores tenham bem claro o seu objetivo, o problema de pesquisa para, como isso, planejar a observação e não correr o risco de perder o foco diante dos diferentes estímulos que receberão no local e, assim, se desviar do principal. Certeau (2012, p. 35) chama a atenção para a necessidade de adotar uma *maneira de caminhar*, já que para escrever a cultura ordinária, requer “[...] reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante do seu objeto.”

Contudo, as possibilidades da observação não podem ser esquecidas. O fato de estar em contato direto com os pesquisados no seu local de trabalho contribui para o alcance dos objetivos de qualquer pesquisa. Percebeu-se que a cada momento em que se retornava ao local da observação, coisas novas estavam acontecendo. Também, se adquiriu mais confiança dos catadores, a ponto de, na última observação, se ouvir a seguinte frase: “*Chegou o nosso amor! Vamos sentir falta [...]*” (E5). Isso também confirma que existe um momento em que o pesquisador precisa se retirar, pois esta simples fala emocionou a pesquisadora, ao mesmo tempo em que mostrou o quanto esse *homem ordinário* é carente de atenção. O estabelecimento de vínculos pesquisador-pesquisados, embora necessário, também pode ser perigoso na medida em que pode afetar as realidades – objetiva e subjetiva.

Ainda, vale trazer o argumento de Serva e Jaime Junior (1995) de que, embora se tenha riscos, deficiências e limitações ao empregar a técnica da observação em estudos organizacionais, não se pode deixar-se inibir diante da sua adoção, pois as possibilidades de avançar na produção de conhecimentos com mais qualidade superam toda e qualquer limitação e/ou desvantagem.

Assim, finaliza-se este estudo, destacando que neste cotidiano estão presentes seres humanos com necessidades das mais diversas, com sentimentos sufocados, com desejos escondidos, muitos deles enrijecidos pela vida, mas, que ainda percebem o que acontece a sua volta, anseiam por novas possibilidades e oportunidades em que possam se expressar. Por isso, “sempre é bom recordar que não se deve tomar os outros por idiotas.” (CERTEAU, 2012, p. 19). Neste caso, não tomar o *homem ordinário*: os catadores, por idiotas.

Referências

- ANGUERA, M. T. *Metodologia de la Observacion em las Ciencias Humanas*. Madri: Cátedra, 1997.
- BORTOLI, M. A. Catadores de Materiais Recicláveis: A Construção de Novos Sujeitos Políticos. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 105-114, jan./jun., 2009.
- _____, M. A. Processos de organização de catadores de materiais recicláveis: lutas e conformações. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 248-257, jul./dez., 2013.
- BRASIL. Lei 12.305 de 02 de agosto de 2010. Dispõe sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm. Acesso em 29/07/2016.
- CARRIERI, A. P., SARAIVA, L. A. S., LIMA, G. C. O., MARANHÃO, C. M. S. A. Estratégias Subversivas de Sobrevivência na “Feira Híppie” de Belo Horizonte. *Revista Gestão Organizacional*, v. 6, n. 2, p. 174-192, 2010.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano – Artes de fazer**. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Disponível em: www.cnbb.org.br. Acesso em: 29 de junho de 2016.

GODOY, A. S. Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr., 1995a.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas São Paulo**, v. 35, n.3, p. 20-29 mai./jun., 1995b.

GOUVÊA, J. B.; ICHIKAWA, E. Y. Alienação e Resistência: Um estudo sobre o Cotidiano Cooperativo em uma feira de Pequenos Produtores do Oeste do Paraná. **Revista Gestão e Conexões**, v. 4, n.1, 68-90, jan./jun., 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional de Saneamento Básico. IBGE: Rio de Janeiro, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 25 de julho 2016.

MESQUITA, R. F. de; MATOS, F. R. N. Pesquisa Qualitativa e Estudos Organizacionais: história, abordagens e perspectivas futuras. In: Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração, 4, Florianópolis, mar/2014.

MINAYO, M. C. de S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M. C. de S. (organizadora); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

MOURA, G. R.; SERRANO, A. L. M.; GUARNIERI, P. Análise Socioeconômica dos Catadores de Materiais Recicláveis no Distrito Federal. **HOLOS**, ano 32, v. 3, p. 251-273, 2016.

MURTA, I. B. D., SOUZA, M. M. P.; CARRIERI, A. P. Práticas discursivas na construção de uma gastronomia polifônica. **RAM – Revista de Administração Mackenzie**, v.11, n. 1, p. 38-64, 2010.

OLIVEIRA, J. S. de; CAVEDON, N. R. Micropolíticas das Práticas Cotidianas: Etnografando uma Organização Circense. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, v. 53, n. 2, p. 156-168, 2013.

PEREIRA, B. C. J.; GOES, F. L. (organizadoras). **Catadores de Materiais Recicláveis: um Encontro Nacional**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016.

ROSEN, M. *Coming to terms with the field: understanding and doing organizational ethnography*. **Jornal of Management Studies**, v. 28, n.1, p. 01-24, 1991.

SATO, L.; OLIVEIRA, F. Compreender a Gestão a partir do Cotidiano de Trabalho. **Aletheia**, v. 27, n. 1, p. 188-197, 2008.

SERVA, M.; JAIME JÚNIOR, P. Observação Participante e Pesquisa em Administração: Uma Postura Antropológica. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.1, p. 64-79, mai./jun. 1995.

SILVA, S. P; GOES, F. L.; ALVAREZ, A. R. **Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável – Brasil**. Brasília: IPEA, 2013.

STACEY, M. *Methods of social research*. Oxford: Pergamon Press, 1977.

TURETA, César; ALCADIPANI, Rafael. Entre o Observador e o Integrante da Escola de Samba: os Não-Humanos e as Transformações Durante uma Pesquisa de Campo. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 15, n. 2, art. 3, p. 209-227, mar./abr. 2011. Disponível em <http://www.anpad.org.br/rac>

VIEIRA, M. M. F. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. In: ZOUAIN, D. M.; VIEIRA, M. M. F. (organizadores). **Pesquisa Qualitativa em Administração**. vol. 1. ed. 2. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.